



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JOSÉ NILDO ALVES CAÚ

(depoimento)

2016

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-636

Entrevistado: José Nildo Alves Caú

Nascimento: 03/03/1973

Local da entrevista: UFMG – Belo Horizonte

Entrevistadora: Jamile Mezzomo Klanovicz, Luiza Aguiar dos Anjos e Rejane Penna

Data da entrevista: 19/11/2015

Transcrição: Kenia Gouvea Garrafiel

Copidesque: Pamela Siqueira Joras

Pesquisa: Pamela Siqueira Joras

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 57 minutos e 52 segundos

Páginas Digitadas: 21 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação do entrevistado; Aproximação com a área do lazer; Ciclos Populares; Preparação como formador de agentes sociais; Atuação no Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC); Visão sobre o processo de formação de agentes sociais; Acompanhamento dos núcleos; Legado e foco do PELC; Impacto do trabalho de formação de agentes sociais de esporte e lazer.

Belo Horizonte, 19 de novembro de 2015. Entrevista com José Nildo Alves Cau a cargo da pesquisadora Jamile Mezzomo Klanovicz, Luiza Aguiar dos Anjos e Rejane Penna Rodrigues. Para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.K. – Olá, José Nildo. Inicialmente eu gostaria que tu iniciasse contando um pouco da tua formação.

J.C. – Certo. Sou formado em Educação Física, em Pernambuco. Tenho Mestrado em Educação na Federal¹ e hoje sou doutorando em Educação. E assim, falar um pouco também da formação é a minha formação enquanto militante, de passar pelo DA² e DCE³, coordenação da executiva de curso e chegar ao CBCE⁴. Também tem essa parte da minha formação política e a formação de gestor público. Entrei na Prefeitura de Recife no primeiro governo de João Paulo⁵, a gente ainda recém-saído da Universidade e ele entrou na gestão entre 2002 na prefeitura de Olinda⁶ inicialmente. Comecei a trabalhar com a Luciana⁷, depois passei oito anos na prefeitura de Recife como gestor. Inicialmente diretor na área do lazer, depois passei diretor de esporte e juventude até 2008. E formador do PELC⁸, acredito que na segunda turma, não sei exatamente, eu não me lembro se foi 2007...

L.A. – 2006.

J.C. – 2006 aí foi a segunda turma dos setenta, que eu lembrei: o grupo de setenta como disse. E até hoje nesse processo de formação desse trabalho, junto aos agentes do PELC.

J.K. – E como que a temática do lazer apareceu na tua trajetória?

J.C. – A temática do lazer apareceu com a vida da política de esporte e lazer em Recife porque antes, na universidade, mal tive uma disciplina de recreação, uma atuação num

¹ Universidade Federal de Pernambuco.

² Diretório Acadêmico.

³ Diretório Central de Estudantes.

⁴ Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

⁵ João Paulo Lima e Silva.

⁶ Olinda/PE.

⁷ Nome sujeito a confirmação.

⁸ Projeto Esporte e Lazer na Cidade.

projeto de extensão muito incipiente, mas a atuação no setor de esporte e lazer foi a partir da política. A partir da gestão pública e a partir daí eu fui me aproximando e vivenciando nessa experiência.

J.K. – E como tu chegou a conhecer o PELC?

J.C. – O PELC [risos]. O PELC, pelo menos na minha experiência, a partir da gestão em 2003, mais especificamente, quando a gente começou a constituir a política municipal, e se populariza na prefeitura do Recife. Começou a estruturar um programa que tem o nome de Ciclos Popular Esporte e Lazer que ele vem ter uma relação muito forte com a questão do movimento cultural popular de Paulo Freire⁹. Essa leitura da questão do lazer veio dele, bebeu nessa caneca, nesse movimento de cultura popular. A partir daí a gente começou a estruturar essa política de esporte e lazer, ou seja, vem maturando... Na oportunidade com a eleição do Presidente Lula¹⁰, a gente começou ir, logicamente, a prefeitura de Recife na gestão do prefeito João Paulo. Houve um investimento maior, houve esse investimento do governo federal no sentido desse programa. E foi, se eu não me engano, paralelo a essa estruturação também do PELC. Então foi a partir dessas experiências que, se eu não me engano, aí a experiência com gestor nós fomos a Recife, a Belém¹¹ e outras capitais. E essa experiência dos Ciclos Populares foi uma das que com esse apoio também contribuiu para esse processo de estruturação, eu diria formulação... Até hoje eu identifico muito bem isso, das diretrizes que hoje o PELC vem se estruturando e foi essa relação de aproximação. Essa relação com o PELC vem dessa base da discussão dos Ciclos Populares, esporte e lazer e que [silêncio] era uma grande dificuldade naquele momento para a gente gestor diferenciar. Porque era PELC, era Ciclos Populares era discussão de identidades mesmo. Identidade de nível de discussão de gestão mesmo. Essa identificação, é que na verdade era, hoje, ele se consolida com o viés que a gente trabalhava em 2003, 2005 mais especificamente. Então essa, na minha leitura, havia esse processo de formação, também havia essa relação de [silêncio] não diria... Seria crise, mas essa identificação da identidade, de saber até onde é o PELC até onde a... E teve uma operacional até que ponto os Ciclos Populares ele teria que estar dando também a visibilidade ao PELC, uma vez que era recurso e era um programa

⁹ Paulo Reglus Neves Freire

¹⁰ Luis Inácio Lula da Silva

¹¹ Belém/PA

que estava vindo nessa, na política que estava vindo a nível do governo federal. Então a gente viveu muito com isso, mas, hoje, pelo que eu tenho conhecimento, hoje ele realmente foi se consolidando enquanto PELC, enquanto identidade do PELC a partir da política lá no “Geraldão”¹².

L.A. – Você poderia descrever um pouco mais como era o funcionamento dos Ciclos Populares?

J.C. – Ciclos Populares era... Não diferencia dessa lógica do PELC, ou seja, a perspectiva das oficinas sistemáticas, ou seja, desenvolvimento de ciclos de convivência, que hoje a gente chama núcleo, mas chamava de ciclo de convivência de infância, juventude, adulto e idoso. Então você tinha esse ciclo de convivência nas diferentes comunidades. A gente chegou o momento de ter, acho, se não me engano, até quarenta núcleos por bairro na cidade. E havia essa formatação: as oficinas no caráter sistemático, os eventos também nesse mesmo viés. Se você pegar o livro dos Ciclos Populares você vai olhar ali e está a estrutura que o PELC tem hoje, então, tinha esse caráter de sistemático e tinha um evento na perspectiva de integração, de ampliação tanto a nível local como também a nível de integração de todos os núcleos, ciclos de convivência do programa. A questão das linguagens, as manifestações eram muito nessa perspectiva da diversidade, atender o máximo a perspectiva da diversidade e da cultura local. Valorizar a cultura local, isso também tem questão de Recife, a questão da... Isso era muito forte. A dança, o teatro, a música que aí na linha da percussão, os esportes, que aí dentro dessa estrutura dos Ciclos Populares você tinha também outras ações. No caso do futebol que era futebol participativo que fazia parte também dessa... A parte de juventude tinha a relação também dentro dessa política como questão da juventude radical, que era juventude ligadas as práticas alternativas, bandas, os grupos de banda underground, skatista, pessoal do bicicross, mas tudo dentro de um programa. E isso é o viés do PELC, hoje, nessa perspectiva das ações que ele tem se desenvolvido. Então é nessa linha que ele se estruturava. Outro elemento, por exemplo, que não sei se está na pergunta, mas foi a questão da formação. A formação era outra coisa que, por exemplo, nós não tínhamos essa, relação do Ministério¹³, do formador; parte da formação a gente terminar estruturando

¹² Ginásio de Esportes Geraldo Magalhães, localizado em Recife.

¹³ Ministério do Esporte.

conduzida pelo programa. A gente tinha os encontros de formação anual, encontro de formação continuada do programa que era justamente nessa linha de fortalecimento das identidades, da cultura popular, era da questão da participação. Então, todo ano tinha um grande encontro envolvia todos os formadores, além das formações semanais que nós tínhamos um dia também para esse processo de formação da equipe. Então, hoje, ainda se assemelha tudo na lógica do PELC, o viés da gente ter esse, hoje, a gente não está vendo que a nível de PELC os grandes encontros, que eram encontros de socialização, de troca de experiência e isso também tinha nos Ciclos, porque você envolvia todos os segmentos envolvidos no programa, desde o público lá aos educadores. Todo mundo trocando, no processo de troca de experiência e que isso PELC tenta tem também isso, hoje, tem isso como um elemento muito forte.

J.K. – Tu falou que iniciou como gestor. Como que foi a tua preparação para se tornar um formador? Tanto a parte da oferecido pelo próprio Ministério como a tua busca por isso.

J.C. – Experiência de vida minha [risos]. A experiência na gestão, ou seja, experiência na partida realidade. Ou seja, você foi preparado para ser gestor? Não. A gente foi... À medida que a gente foi vivenciando as experiências e desafiando no dia a dia, a gente chegou o momento de você entrar... Por exemplo, a gente não sabia... Na universidade a gente não tinha tipo: “O que é uma política pública?” Para a gente em 1998, 1997. A gente não tinha leitura, não tinha, não sabia nem o que a gente... Aí foi nesse processo que a gente foi identificando a necessidade de tratar determinadas questões e nisso aí a formação continuada foi fundamental. A contribuição de alguns representantes da universidade, por exemplo, hoje, foi Marcelino¹⁴, foi Victor Melo¹⁵, foi pessoal da cultura, não lembro aqui, ligado a cultura popular, como realidade de oportunidade de nos encontros... Dessa nossa dificuldade de lidar e entender aquele, por exemplo, a lógica do movimento e cultura popular demandava esses encontros para a gente buscar essas fragilidades. Então, ser gestor foi sendo construído em um processo de vivência do programa. Hoje o meu papel de formador bebe muito na minha experiência de gestor, ou seja, parte do que eu faço hoje tem muito desse processo de construção enquanto gestor ao mesmo tempo agente social ali vivenciando, trocando

¹⁴ Nelson Carvalho Marcellino

¹⁵ Victor Andrade de Melo.

experiência, construindo novas possibilidades e isso foi no dia a dia. Então um elemento que eu acho que eu gosto de registrar foi... Para a gente foi muito desafiador naquele momento foi quando o Ministério promoveu aquela questão da publicação daquele livro vermelho, Brincar, Jogar¹⁶...

R.R. – Brincas, Jogar e Viver.

J.C. – Que ali justamente desafiou a gente a sistematizar a experiência que a gente estava vivenciando. E isso para a gente, a gente tinha vivência assim... A experiência que a gente já tinha acumulado era muito grande, mas assim, a gente não tinha tanto essa preocupação desse cuidado de sistematizar. Ou seja, aquilo de construir... Deixar aqueles elementos ali, além da história da vida de uma política. Eu acho que foi a partir daquele momento que grande parte do trabalho da gente foi promovendo um ENAREL¹⁷; Recife puxando para discutir, foi levando no seminário nacional de política pública. Tudo isso era espaço de formação para a gente. Foi indo para Caxias do Sul para um seminário nacional de política pública¹⁸ trazendo trinta gestores, trazendo educadores para socializar experiência, ir para a mesa, discutir aquela experiência. Então acho que isso foi muito rico e que interferiu, hoje, na nossa formação enquanto um educador que está atuando no programa. Então assim, eu me vejo muito quando eu estou nessa experiência das formações e esse processo de construção que a gente vê o quando é rico essa experiência que a gente vive. Ninguém tira isso da gente, então, acho que essa relação de formador e o PELC foi algo que fez a gente entender o que é política pública, que a gente não tinha esse elemento dentro da universidade.

J.K. – Trabalha exclusivamente com o PELC urbano ou tu já atua no Vida Saudável¹⁹ e os povos tradicionais²⁰ também?

¹⁶ MINISTÉRIO DO ESPORTE. Brincar, Jogar, Viver: Programa Esporte e Lazer da Cidade. Brasília, 2007.

¹⁷ Encontro Nacional de Recreação e Lazer

¹⁸ 11º Seminário Nacional de Políticas Públicas de Esporte e Lazer realizado em Caxias do Sul no ano de 2013.

¹⁹ Programa Vida Saudável.

²⁰ Referência ao PELC Povos e Comunidades Tradicionais.

J.C. – Todos. Dos três [risos]. Experiência muito mais com o PELC urbano, eu tive esse trabalho, mas assim tive uma experiência com Povos das Comunidades Tradicionais foi no Maranhão, com quilombolas, que aí foi um desafio porque não era... Tinha raízes do quilombola, mas não era expressivo. Foi muito mais uma estratégia de poder captar o pleito junto lá no edital. Mas assim, mas a gente conseguiu, ou seja, foi um desafio porque à medida que você identificava questão da identidade cultural ali nas comunidades que você estava trabalhando, ele não se reconhecia enquanto povos tradicionais. E aí o PELC fez um grande desafio de trazer essa reflexão junto com eles e aí começaram a se identificar a partir de como o PELC estava tratando. Então isso, para mim, foi um desafio. Não tive esse desafio que a Rejane²¹ e outros já tiveram dos povos indígenas. Eu acho que eu não sei se eu... Disse não, só você transpassar para você informar não, mas é uma ideia muito desafiadora. Muito diferente das experiências que a gente acumulou, mas não quer dizer que a gente não venha a ter aonde ir. Na maioria das ações que eu tenha trabalhado é com o PELC urbano. Então assim, tenho feito principalmente dos pequenos municípios do Nordeste. E as experiências têm mostrado para a gente uma grande riqueza e reflete um pouco do que tem sido o PELC na formação dos sujeitos sociais. Ou seja, das pessoas hoje... Por exemplo, como eu estava relatando hoje de manhã as pessoas passam pelo PELC, passam a vivenciar uma experiência ao longo do PELC durante um convênio; elas são logo captados para outras ações porque passam por um processo de formação, então, à medida que vão dominando o conhecimento, a tecnologia com a relação lidar com as políticas públicas elas já são levadas para os setores.

L.A. – Pode falar um pouco das estratégias que você usou nesse caso do núcleo dos povos tradicionais da comunidade quilombola?

J.C. – Eu trabalho com o método que é o método... É opção e dentro da linha da [riso] da proposta do PELC, mas não, hoje, eu não vejo isso muito uma coisa muito efetiva, que é o método da prática social. Que aí eu já venho bebendo da minha experiência que, quando iniciou a discussão dado movimento cultura popular, que é o método da prática social, que a gente trouxe a partir dessa relação da leitura da realidade. Você se aproximar dos municípios, compreender todo aquele contexto para você poder intervir. Então eu acho que isso, grande parte... Por exemplo, lá no Maranhão, com os povos comunidade tradicional foi

²¹ Rejane Penna Rodrigues

a partir dessa leitura. Então sim, eu tive que me aprofundar, para poder entender o que era o povo quilombola. Qual a relação com o estado do Maranhão. Qual a relação com as manifestações esportivas e culturais que estão arraigadas naquela cultura e puxar, também, esses agentes. Onde é que está essa identidade que eles têm, eles identificam, mas não reconhecem. Então foi a partir da problematização dessa realidade e aí a gente começou a instrumentalizar com conhecimento. Trabalhar texto, desafiar eles a trazerem pessoas que eles identificam como sendo uma referência naquela tradição ali que eles reconhecem quanto quilombola. E a partir daí a gente começou a construir quais seriam as possibilidades de desenvolver dentro das oficinas. Ou seja, desafiar eles, trabalhar com a dança, o tambor de crioula, trabalhar no esporte, ou seja, práticas que estejam relacionadas com essa cultura no sentido de buscar e valorizar essa cultura. E não deixar de reconhecer, lógico, as práticas contemporâneas, mas focar nisso aí. E assim eu desafiei eles, e fechou com grande festival, um grande evento que eles me superaram. E tinha uma especificidade porque era na universidade, então, tinha uma série de dificuldades porque lidar a grande parte da equipe era estagiária da área da Educação Física. E é um diferencial nesse processo, que é uma grande resistência pessoal que está nesse processo de formação por dentro da academia. E quando você pega um convênio do interior que a maioria do pessoal só tem o ensino médio, mas tem um elemento muito forte, eles têm um domínio de uma determinada linguagem. Eu tenho o domínio, já tenho aquela minha experiência com teatro. Já tenho aquela minha experiência com capoeira. Eu já tenho aquela minha experiência com artesanato e isso as pessoas conseguem sistematizar e fazer dar consequência isso. Mas isso demanda também uma atenção da gente como eu estava dizendo hoje, um grande foco no planejamento. Ou seja, fazer com que essas pessoas entendam qual é a tecnologia, qual é o conhecimento que está por trás disso para que elas comecem, tenham e dominem aquela técnica a partir da experiência de vida dela e qualificar e se aproximar, no sentido de repercutir na vida das pessoas com aquele trabalho. Então eu acho que essa experiência do Maranhão, como outras experiências que também desafiam a gente, de você, quando lá no meio do convênio, noventa por cento da equipe e há uma mudança na equipe. Você se desafiar, novamente. Você vai ter que retomar um processo que já tem iniciado e dar um direcionamento de trabalho. Aí você chega no final com um grande evento, como foi hoje eu estava apresentando. Houve mudança na equipe... Trabalho com perna de pau onde você vê as idosas andando de perna de pau com todo cuidado, você vê as idosas fazendo capoeira. E aí? Isso todo mundo usa o

perfil da gente aí todo mundo é de ensino médio. Mas tem todos os cuidados, tem todo, ou seja, um envolvimento e isso também repercute na nossa formação. Então o PELC está na vida, pelo menos na minha vida, esse processo da vivência, da ação comunitária tem sido um elemento que a universidade não me deu, mas o PELC alimenta constante isso aí para a gente.

J.K. – Sim. E como que são desenvolvidas as atividades de formação do programa?

J.C. – Em que sentido? Sentido... A metodologia?

J.K. – Isso. É. Seria...

L.A. – É. Como que você planeja e como que isso é organizado em termos cronológicos?

J.C. – Às vezes dentro do método a gente foi assim, partir da prática social para, suponho... Por exemplo, para preparar uma proposta de formação, eu preciso conhecer aquela realidade. Preciso dialogar com município. Primeiramente eu preciso fazer a pesquisa para poder situar qual a pesquisa, que aí como qualquer outra, levantar informações sobre o município; poder estabelecer o diálogo com os agentes, com os coordenadores técnicos. Buscar no Projeto Político Pedagógico o que que está ali, o que é que... E a partir desse diálogo com o município começar construir a proposta de trabalho. E essa proposta de trabalho eu construo novamente estabelecendo esse diálogo até chegar para o processo de aprovação, que agora junto ao articulador e a UFMG²² para a gente poder encaminhar. Então esse é o primeiro momento e essa vivência lá. Então em um processo de formação você vai desde da proposta ali, não quer dizer que aquela proposta ela vai se materializar ou não. Vamos ver diante da realidade, como é que ela vai surtir o efeito. Então de primeiro momento apresentar novamente essa proposta no processo de formação, ver se vai ser necessário fazer ajuste naquela proposta e a partir daí começar o processo de problematização. Então, pegar vídeos, que no primeiro momento eu faço muito relação de análise de conjuntura situando de onde é que está esse município, porque esse processo está chegando nesse município. Chegou nesse município? Qual a necessidade de estar atendendo, que demanda? Ou seja, a partir daí começar a

²² Universidade Federal de Minas Gerais.

problematizar a partir de diferentes vídeos que faça ele entender que tipo de sociedade, que tipo de sujeito está por trás dessa discussão, de uma análise de conjuntura bem mais ampla. Se for povos de comunidades tradicionais relacionado com esse programa. Se for o PELC urbano buscar contextualizar aquela população. Qual o público adulto ou idoso daquela comunidade? Qual o público de juventude? Qual o público? Tem que ter esses elementos para no primeiro momento poder problematizar a realidade. E situar em uma conjuntura muito mais ampla. No segundo momento também aí a vem aí a questão da problematização que é tentar, já situando no PELC, no sentido de: “O que é o PELC?” Quais são as bases que apontam o horizonte que o programa deve, ao final, apontar enquanto possibilidade de transformação? Então essa relação da realidade, partir daquela realidade, passar por esse momento de problematização porque quem tem os elementos e as informações são eles que vivenciam aquela realidade. E a partir daí para o outro momento, que é o momento de instrumentalizar. Então a gente vai discutir os conceitos como cultura, esporte, lazer, planejamento, ou seja, vou estar começando a instrumentalizar com novos conhecimento para a eles. A partir de dinâmicas, a partir de exposição, a partir de curtas, ou seja, trabalhar um novo conhecimento para não estar mais naquele processo que a gente diria, da prática social inicial. O conhecimento que eles adquiriram a partir da experiência de vida, mas já vai estar dialogando com um novo conhecimento, com a base sistematizada sobre a o que o PELC propõe. E a partir daí a gente entra no outro momento, que também que é dentro da parte da instrumentalização, que é o planejamento. Como planejar? Ou seja, uma a oficina. Como planejar um evento? E dentro da perspectiva do planejamento participativo. Então a gente traz de novo para dialogar sobre o que é um planejamento participativo. Como se dá essa relação? E aí fecha ao final desse planejamento participativo a construção de uma atividade que eles já possam experimentar os na prática o que se foi planejado dentro da perspectiva do que o PELC se propõe. E que para a gente, formador, também é o momento de você olhar o que é que aponta de limitação no grupo; o que é para você poder retomar quando você retornar para avaliação ou retorno à prática social; o que foi que eles apontaram no sentido de avançar; o que que identifica enquanto dificuldade do grupo que a gente precisa trabalhar melhor, para que eles se aproximem o máximo do que o programa propõe nessa perspectiva da mudança da realidade. Então é dentro dessa perspectiva. Tem toda uma lógica, uma estrutura que é o meu norte no meu trabalho. Meu método é esse que eu aprendi a partir da experiência lá de 2003, 2004, 2005, que a gente veio vivenciando essa experiência

a partir desse método. Então essa formação lá ainda é elemento que dá essa segurança para a gente nesse processo que a estamos vivenciando.

J.K – Sim. Em relação as visitas aos núcleos... Como que são realizadas as visitas técnicas e as visitas pedagógicas?

J.C. –Assim: as visitas técnicas, no meu caso, é uma parte também da formação no caso do Módulo Introdutório e no AV1²³. Dentro da formação, no segundo dia de formação. a gente tem... Quando vai antes de discutir a questão dos interesses culturais do lazer, a questão de toda essa... A gente prepara um roteiro pré-estabelecido com algumas questões que eu quero que os grupos observem nos espaços. O que que determinado espaço apresenta de potencialidade, apresenta quanto limite para que a gente possa pensar o desenvolvimento das ações do programa. Então tem um roteiro pré-estabelecido onde eles vão observar o que que tem ali, o que ele consegue identificar enquanto possibilidade. Eu não digo, mas eles, nesse momento, é que vão apontar o que é possível. Lá naquele centro cultural o que é possível desenvolver? Eles que vão dizer se é uma atividade com dança, se é uma atividade com esportes, se é uma... Ou seja, nesse primeiro momento, nessa visita técnica, muito mais de levantar esses elementos para, quando a gente for para o planejamento participativo, eu já vou com olhar a partir daquela realidade que eles identificaram e que eu também vou ter o meu olhar para poder dialogar com eles dentro desse processo da formação. Então a visita técnica tem muito mais caráter. Já na visita, a visita pedagógica, no AV1, eu tenho utilizado muito a estratégia... Como a gente não tinha um modelo padrão, uma linha, a gente começou a... Começou a acontecer a visita pedagógica, acho que eu fiz duas visitas pedagógicas, e assim, eu estruturei uma lógica. Primeiro, como é um dia, eu tiro normalmente, a primeira manhã para uma conversa com gestores; isso aí normalmente é acontecido com o prefeito, o secretário, coordenador, coordenador de núcleos para discutir sobre algumas questões que a gente identifica no programa que tenha limitações e que precisam ser tratadas. Como também é o espaço para, por exemplo, na visita pedagógica ter parte dos convênios porque ele não tem clareza quanto rendimento do convênio. Então é uma coisa que gente tem identificado. E eles não tem clareza que esses fatos, que aquele recurso eles poderiam usar. Então nesse momento a gente faz esse diálogo, também aponta possibilidade no sentido de

²³ Módulo de Avaliação 1.

como eles podem estar utilizando recurso para potencializar o trabalho ali, numa relação com o que vai estar sendo trabalhado no Módulo de Avaliação 1. Como também a partir dessa visita pedagógica a gente vai *in loco* nas comunidades conhecer como é que o programa está acontecendo... Conversar com os participantes do programa e aí a gente, como diz, a gente descobre muita coisa nesse momento da visita pedagógica, no diálogo quando eles criam normalmente uma atividade para a gente. Mobilizam as pessoas, muitas vezes eles querem, terminam querendo manipular esse espaço, mas aí onde vem a experiência da gente, a gente começa a se aproximar das pessoas, começa a dialogar e começa a ter acesso às informações. O coordenador que faz mais de um mês que não aparece lá. Aí chegou a idosa, estava o coordenador de núcleo assim próximo só para enumerar: “Fulano, vai fazer quase dois meses que você não vai lá no núcleo”. Isso na frente da gente. Então são essas situações que possibilita você de se aproximar do público, de captar essas informações para depois você também retomar no segundo momento. Após a visita a gente tem o Módulo de Avaliação 1, então esses elementos dão sustentação também a nossa avaliação 1. Então, problemas que a gente identifica no programa, nessa visita pedagógica ele é tratado dentro da formação. Se for questão de gestão a gente vai tratar no momento com a gestão. Se for questão de ordem mais pedagógica a gente vai tratar dentro do processo de formação ali no AV1.

J.K. – Aproximadamente, quantas formações que tu já realizou?

J.C. –É, é um bocado. [silêncio]. Assim, eu acho que de 2007 para cá, eu me lembro de umas quarenta formações, não tenho certeza. Porque se eu for considerar formação no convênio, que era um convênio... Eu não estou nem considerando isso. Eu vou considerar os três módulos a gente vai... É, vezes três. Da contagem do convênio, assim, eu tenho feito bastante. O ano passado e esse ano eu fiz uma quantidade significativa. Tenho certeza que não foi menos que umas vinte e cinco formações, não. Então eu tenho já... Agora também foi de 2007 para cá. Em alguns momentos a gente tinha que estar brigando para poder fazer uma formação. Então aquela estrutura inicial do processo de formação... Por sinal eu fui um dos que geriu uma crise nesse momento em função das situações que eu acho que possibilitou a gente qualificar, hoje, esse trabalho da gente junto com a UFMG. Eu acho que foi em uma crise, em um processo desses de direcionamento ou de determinadas formações que era briga

mesmo. Criou, como diria, tribos. E isso era muito ruim. Nós éramos setenta formadores e você não conhecia todos os formadores. Você tinha um momento que se tinha os blocos de um grupo. E foi a partir desse trabalho junto com a UFMG e junto com Ministério, com essa condição política que eu acho que é muito acertada, que qualificou muito o processo da gente em todos os sentidos. Desde o trabalho da formação do formador como também no sentido de qualificar todo esse processo que a gente vem vivenciando. Ou seja, como disse antes o convênio, a gente começou com um convênio que era um convênio de nove meses. Passou para de quatorze para dezoito, de dezoito chegamos a vinte e seis. E isso é resultado da reflexão coletiva. Porque à medida que criava espaço, por exemplo, lá na ponta os agentes e todos os gestores eles questionavam quando estavam começando a materializar, gostar da política, construir a família PELC como ele têm essa coisa muito forte, o convênio encerrava. Então, esse retorno de criar espaço que a gente pudesse avaliar foi fundamental para essa nova perspectiva no trabalho da gente e no retorno agora que a gente percebe chegar convênio hoje com vinte e quatro meses para a gente. Para quem vem vivendo essa experiência ao longo de dez anos, sabe que isso foi uma conquista política muito grande. Algumas pessoas não, mas para quem vem acompanhando todo esse miudinho, isso a gente qualificou consideravelmente e está qualificando.

J.K. – Certo. E que estratégias metodológicas tu costuma utilizar?

J.C. – Estratégias metodológicas é questões para mim o elemento de sempre: a questão do da oficina de planejamento participativo, a utilização de vídeos, desde a problematização de curtas que eu possa problematizar, mas vídeos que tenha um cunho que traga para discutir a realidade. Problematizar. Exposição oral, utilização de textos não leitura densa, até pelo perfil de quem a gente está trabalhando; leitura coletiva, construção de mural coletivo, ou seja, que eles possam, por exemplo, nesse trabalho de levantar os limites e a possibilidade, quer dizer, trabalho coletivo que eles possam se aproximar cada vez... Até porque a gente está lidando com os princípios do programa que é o norte do nosso trabalho. Então a questão do trabalho coletivo, a questão da perspectiva da auto-organização, isso tem que se refletir também nos métodos que eu vou utilizar ali. Então esses elementos você vai na dinâmica, eu não tenho muito perfil de dinâmica, mas eu termino utilizando algumas. Eu tenho outras formas de trabalhar, mas não muito na brincadeira. Eu exploro muito deles, eu faço, me

utilizo desse elemento até para conhecer a prática deles. E utilizo uma estratégia até para conhecer mais, que é o como o resultado do trabalho do planejamento participativo é a questão do lazer que eu caracterizo junto com ele que é a questão do lazer. Porque como a Silvana²⁴ estava apresentando ali, ela se utiliza com os agentes, eu não. Eu desafio eles para, dentro da formação de quatro dias, no penúltimo dia fazer um evento como resultado do planejamento participativo. Fazer um evento com a questão do lazer para a comunidade. Eles vão buscar público de alguns programas que já existem no município e vão colocar em prática essa estrutura de mobilização, organização do evento dentro daquelas condições. E isso é muito bom para você conhecer os agentes, que você muitas vezes tem um agente é muito caladinho ali, você não dá nada por ele, isso já aconteceu. Quando tu vai lá na experiência, no sentido de abordar as pessoas, no sentido de conversar, o cara é tem um domínio muito forte nessa relação. E aí dá possibilidade de tu avaliar e ter outro olhar nessa avaliação. Essas estratégias estão muito nessa relação do diálogo. A estrutura, sempre estar trabalhando na questão do formato, no ciclo, puder estar olhando frente a frente. O diálogo é algo que tem que estar sempre presente. Não adianta eu ir para uma formação só derramar conhecimento ali com eles, que é muito pesado. A bagagem de conhecimento que a gente leva, principalmente no Módulo Introdutório, que era anterior a formação também já avançamos são dois agora, já deu uma qualificada. É muito conhecimento. E você poder abrir para o diálogo, para poder conversar, poder trocar essa relação mais dialógica. Então acho que isso é o foco nas minhas estratégias metodológicas.

J.K. – Sim. E já observou um resultado assim de uma formação para outra, de um...

J.C. – Você diz de convênio ou de núcleo? Não, de convênio, né? Sim. Você tem... Eu vou fazer essa, essa minha comparação. Se você fizer um trabalho, isso não é desmerecer, fazer um trabalho, como já disse, com pessoal que já tem um certo, já passa pela universidade isso é um elemento que eu identifico muito forte que não tem como não diferenciar com os demais. Que é a questão desse pessoal que vem da Educação Física. Infelizmente, acho que não é culpa deles, mas dentro da vivência que eles têm ainda hoje, está tendo mais um pouco na experiência com algumas políticas públicas, mas essa resistência a querer se apropriar do que o programa se propõe. Eles acham que aquele conhecimento que eles já, o conhecimento

²⁴ Silvana Regina Echer.

tem que ser aquilo que eles já trazem da universidade é aquilo, e não estão abertos ao diálogo muitas vezes. Eles têm resistência a essa forma do PELC atuar. E você dar transformações do serviço público que convida alianças comunitárias, com os agentes comunitários do esporte e lazer, com o pessoal que já tem essa identidade com muito mais próxima da comunidade. É uma diferença grande. O resultado do trabalho, nível de atuação deles com trabalho, o resultado lá na ponta, no sentido de aproximação com o público, no sentido de querer se desafiar e querer fazer. Eu acho que isso eu colocaria essas duas situações que para mim marca muito. Isso não quer dizer que não tenha gente boa também lá na área da Educação Física. Tem muita gente boa que também tem muitos já têm uma certa experiência com programas ou políticas sociais. E isso interfere na formação deles muito.

J.K. – Na tua opinião, tu acha que as formações têm algum impacto nos núcleos?

J.C. – *Muito* [risos]. Se tem. Então assim, aquilo que eu tinha falado, o impacto quando eles falam em impacto a gente vai muito para a questão de impacto... Tem um objetivo ali. Objetivo da formação é que você possa qualificar esses formadores para poder atuar dentro de uma perspectiva que o PELC se propõe. Então, para mim, o impacto ele vai fazer com que realmente esse programa seja materializado lá na ponta mostrando essa possibilidade de transformação. Você vê, por exemplo, no trabalho lá do PELC, quando você vê esse nível de envolvimento dos agentes, quando você essa... A mudança. Como eu estava vendo hoje no DVD que eu apresentei hoje de manhã sobre Major Sales no Rio Grande do Norte, a experiência de Major Sales e olhando para um rapaz lá que estava em um evento que aparece falando lá no vídeo, na apresentação; eu olhando voltando, memorizando ele quando o rapaz não falava nada. O rapaz não intervia. Ou seja, eu estava esperando-o começar a falar: “Como é que a gente vai construir? Como é a gente dialogar se você não fala?” Eu cobrava para ele falar nas formações como a coordenadora também. Então a coordenadora mal falava. E quando vai hoje um... Tanto foi que eu posso citar dois convênios que eu acho que me marcou muito nisso aí: foi esse de Major Sales. Tanto esse menino como a coordenadora eles eram pessoas que eram caladas. Não interviam em nada, não falavam. E depois eles já como agente fazendo um trabalho belíssimo com as oficinas. O cara fala, o cara discute politicamente as questões com o grupo. Ele busca o que o grupo também aprofunda isso na verdade. Você vendo isso acontecer é o impacto na formação de quadros para atuar no setor.

No caso dessa agente que foi... Ela começou atuar como agente e hoje é coordenadora já no segundo convênio. E assim, o perfil dela, como eu dizia, eu cobrava muito. Ela começou olha: “Você...” Ela disse: “Não, porque quando você vai para avaliação no AV1 você começa nessa fase de avaliação tudo estava belíssimo. Aí você começa apontar os problemas no processo de formação.” E ela disse: “Não, porque está bom.” Eu disse: “Olha, você não deve, você no seu papel de coordenadora você jamais deve perder de vista. Você deve cobrar das pessoas enquanto profissional”. E como muitos de vocês têm uma preocupação em função da relação afetiva. E isso é um elemento que você não cobrar. Porque eu vou cobrar de você enquanto profissional que está respondendo como coordenadora. Para que eu fiz isso? A mina deu um salto qualitativo quando eu fui para o da culminância, ou seja, acho que uns seis meses para poder se desafiar e reestruturar dentro do plano de ação deles quando eu fui para o festival com outra postura. O evento... Ou seja, você via ela conduzindo a atividade, ou seja, a proatividade dela, o processo de condução, você via o quanto ela cresceu. Então foram exemplos que eu trago mais recente que você vê esse nível de mudança. Hoje tive a oportunidade de ver o depoimento do Joaquim²⁵, ele foi o coordenador geral do primeiro convênio. Hoje ele é secretário no município. Ele não vê o quanto o programa impactou na sua vida, no sentido de hoje eu é secretário de educação, mas a experiência no trato com o planejar, com o olhar realidade para poder pensar suas ações isso tem repercutido na sua vida. E o PELC foi esse elemento, foi no planejamento e na importância da gente valorizar a cultura local. Algo que ficou para o resto da sua vida e que hoje eu estou utilizando na Secretaria de Cultura. Então assim, são essas questões. Impacto aí se a gente for a gente vai passar aqui a tarde tentando identificar. Então existe diferença, principalmente que essa política ela tem impactado muito na formação de novos quadros. Isso é a tese que eu digo que ela tem materializado.

R.R. – Como é que impacta na vida do formador?

J.C. – Formador impacta a cada dia quando você se desafia essa experiência. Por exemplo, eu atuando como gestor, tendo toda a minha experiência, você quando está na universidade é aquela utopia de tentar querer fazer algo que realmente transforme. Ou seja, a gente que tem vontade é aquela coisa que a gente via muito da teoria, em um coletivo de propor muito

²⁵ Nome sujeito a confirmação.

distante. E hoje você se vê nessa possibilidade junto da comunidade de poder contribuir para aquela mudança. Não, eu estou vendo. Eu estou contribuindo. E você se sente, e quando tu ver a coisa acontecendo você fica muito feliz porque você sabe que aquela tua experiência que você tanto sonhava ela está sendo materializada. E está mexendo com a vida das pessoas, que muitas vezes a gente: “Professor de Educação Física, o que é que a gente vai fazer? Vai atuar dentro da escola? Vai ser aquela coisa de aula que a gente tanto crítica, que a gente tanto, na Universidade, questionava?” Então hoje eu me vejo muito mais além disso aí. Eu vejo a contribuição no sentido de quantos sujeito... Eu acho que cada experiência, cada formação você adquire novos conhecimentos. E para mim, por exemplo, poder circular, ou seja, a experiência de conhecer essa vivência cultural de Major Sales, do Maranhão... Você tem essa possibilidade de conhecer porque exige de você que você se aprofunde naquilo dali. Como é que eu vou contribuir para elevar o nível de consciência das pessoas, de conhecimento das pessoas, se eu não me preparo para isso? Então, para mim tem sido desafio constante. Por isso que eu digo que a questão da experiência com povos indígenas para mim seria um desafio, porque iria exigir *muito* para eu poder lidar com aquela nova experiência. Então é da mesma que eles impactados com as experiências do trabalho dele nós também somos, porque é algo que está ajudando na nossa formação.

R.R. – Tu poderia falar rapidamente sobre essa experiência inicial...

J.C. – Isso. A experiência do teste, também dessa de Major Sales, como eu tinha falado de manhã, ela surgiu em função de problemática que eu identifiquei no programa, que foi a problemática da grande dificuldade deles planejarem. Por ser um público, na maioria, de pessoal do ensino médio, eles tinham uma dificuldade muito grande de poder planejar e de poder estabelecer metas no sentido de chegar e olhar: “Não, no final do convênio eu quero alcançar aquilo ali.” Ou seja, eu peguei o convênio no primeiro pleito, já peguei no AV1, que era outro colega que tinha feito o Módulo Introdutório. Eu já peguei o AV1 e AV2. Então conseguia começar a trabalhar com eles, eles já responderam com evento, com festival, dominando um pouco da base conceitual do PELC. Aí eu vou para essa segunda experiência: “Poxa! Vai ser legal”. Só que mudou a equipe. Só ficaram dois agentes. Aí ficaram dois agentes, mas parece que foi a coisa correta. Os dois agentes que realmente tinham domínio da base conceitual, melhor ainda o que quero dizer. Então, está acabando o

convênio no primeiro. Era bom que nós tivéssemos outra experiência, quando a gente está começando a dominar, encerrou. Foi quando eles submeteram para um novo pleito e a gente trabalhou. Eu comecei a partir da dificuldade que eu identifiquei; eu senti necessidade de trabalhar alguns temas com eles. Tematização. Jogar temas que eu pudesse criar unidade de planejamento com eles. Então foi a partir dessa estruturação, dessa temática que eles escolheram no planejamento participativo. No AV1, eles definem um tema que vai passar todas as oficinas e que tem relação com a cultura local. Nesses aqui, resgatando a história do caboclo e apresentando os bastidores do concurso. Por que o caboclo? Porque o concurso de caboclo é um evento na cidade, fez agora vinte e cinco anos, e que é justamente algo muito forte nessa cidade de três mil oitocentos habitantes. E eles conseguem reunir, nesses momentos, quase quinze mil pessoas da região. Foi a partir do que eles se propuseram. A oficina de dança de caboclo começou a trabalhar no sentido de poder resgatar história, de pesquisar, de entrevistar as pessoas que eram liderança ligado ao cantador, é aquele cara que foi dos primeiros núcleos de caboclo. Aquele prefeito que estimulou a criação do grupo de caboclo. Junto com a oficina de artesanato, ou seja, sistematizar aquela dificuldade. Foram sistematizar todo esse processo de pesquisa e eu me lembro também de formação, através da produção de um documentário. A questão da dança, de preparar as apresentações para o festival que é a grande culminância, vai acontecer agora em dezembro o fechamento. Isso aqui seria um dos produtos que iria ser apresentado, no que foi apresentado no festival de caboclo desse ano, onde foi apresentado o documentário para quinze mil pessoas em praça pública e apresentação do grupo de caboclinho do PELC. Eles foram e apresentaram, ou seja, apresentaram o resultado do trabalho deles. Então, à medida que eu tematizei eu desafiei para ele criar essa unidade, porque era oficinas muito fragmentadas. Era atividade pela atividade e não conseguiam perceber os princípios. Muitas vezes até trabalhava o princípio, mas eles não tinham a leitura, os elementos necessários para poder compreender. E hoje não: eles conseguem, no planejamento e no pensar das atividades deles, entender onde é que cada princípio ele consegue se articular. Então essa questão de trabalhar com tematização foi o que deu algum resultado aqui desse material e que vai ter agora o resultado com a exposição de todos, tudo o que foi produzido como resultado do convênio. A questão das exposições, a questão das atividades, o torneio de futebol, por exemplo, era grande a resistência. Na parte de esporte. Eles estão... A ideia surgiu dentro, por exemplo: todos os times que vão participar, isso de infância, adultos e idosos que era uma coisa que eles conseguiram envolver

também o público de veterano lá, eles vão estar caracterizado de caboclo com as camisas e identificando todos os grupos que eles conseguiram levantar na pesquisa que fizeram. E isso repercutiu na formação em serviço, porque exigiu deles pesquisa; exigiu deles buscar memórias, acervos. Eles foram buscar esse acervo nas pessoas que tinham e foram buscar também na formação em serviço fora, pessoas que tinham, que estavam pesquisando sobre o caboclo na universidade, no estado do Rio Grande do Norte, que tem um campus lá. Foram buscar o pessoal que estava pesquisando para contribuir no processo de formação. Então essa experiência aqui ela foi uma experiência que eu vejo, hoje, de acreditar mais ainda na possibilidade da cultura popular como elemento norteador do nosso trabalho. Porque está aí, eu acho que dentro da sua especificidade, dentro das limitações é possível se o PELC se aproximar do que ele se propõe. Não dá para ser simplesmente só entretenimento, atividade que aí as pessoas por si só fazem isso aí. Aí não vejo a gente apontar, enquanto a política que realmente possa transformar a realidade, com algo que em vez de transformar eu vou levar as pessoas para uma perspectiva de uma conformação.

L.A. – E vocês fazem algum tipo de acompanhamento após o encerramento do convênio?

J.C. – Após o encerramento?

L.A. – Isso. Mesmo que informal

J.C. – Não. Isso aí eu faço, tanto que uma coisa que eu não citei: esse convênio de Major Sales está vivendo um processo de um novo conveniamento, só que esse novo conveniamento já foi uma coisa que nós dialogamos e construímos. A prefeitura está dividindo os custos nesse convênio, ou seja, a participação deles nesse convênio, onde o município entra bancando a parte de recursos materiais, ou seja, material permanente, material de consumo e divulgação e o Ministério entra com aporte dos recursos humanos que é o que, de certa forma, é o mais pesado para o município. A gente já teve uma reunião no Ministério com a participação do prefeito e o coordenador e já está no processo de discussão da construção do novo PP²⁶. Que ele seria um projeto piloto dessa nova perspectiva de municipalização, ou seja, vai criando um vínculo maior com o município. Uma

²⁶ Projeto Pedagógico.

responsabilidade maior no sentido de assumir essa política municipal, ou seja, o PELC está cumprindo com o momento induzindo também essa municipalização da política de esporte e lazer. Acho que esse convênio trouxe, como outros convênios estão trazendo, esse olhar da gente que foi a partir desses diálogos da reflexão com o Ministério, com os formadores e com a UFMG estar possibilitando a gente vê essa experiência. E dessa continuidade, assim, da continuidade também tem a questão que a gente estabelece o canal de diálogo com os coordenadores. A questão da EAD foi outro elemento que eu acho que veio ajudar muito nesse elo com eles. Está buscando, mesmo quando termina os convênios “Como é que eu faço para fazer um curso optativo? Eu terminei agora e o convênio acabou. E aí?” Eles têm buscado muita gente disso também de buscar, não parar mais buscar dar continuidade a esse processo. E a gente tem feito, dentro da medida do possível, ou seja, querendo ou não também, a gente estabelece vínculos de amizade nesses locais. Se eu for para o Ceará, se eu for para a Paraíba hoje eu tenho um ciclo de amizade muito grande. Porque você deixa muita amizade, você deixa muita referência nesse teu trabalho que é também outra coisa que contribui e impacta também na vida da gente. Você saber que tem pessoas ali que você chegar ali será muito bem recebido.

R.R. – Essa política que tem o PELC para a comunidade tu acha que tem também para os formadores? Por exemplo, os princípios e diretrizes, essa questão dialógica, ela vem acompanhando também os formadores do PELC? Tu poderias falar um pouco sobre isso?

J.C. – Um elemento importante é que a entrada da UFMG tem qualificado esse processo. Só que a gente sabe que parte da essa apropriação do conhecimento, esse compromisso político com a mudança há graus de diferenciação dentro desse processo de formadores. Têm formadores que são extremamente comprometidos, tem um grupo que é muito forte que eu conheço, mas há outros a gente percebe que não há um nível de preocupação com a repercussão desse trabalho. Aí é onde olha essa questão dos princípios, ou seja, é cumprir, fazer entender, cumprir com aquele convênio. Só que a gente que tem uma formação política acho que a grande maioria aqui já tem envolvimento com gestão pública e vai além disso, vai além de cumprir uma missão de ser formador, de cumprir aquilo que tu tem que cumprir teu relatório, cumprir tua proposta de trabalho. Eu acho que existe outros no nível acima disso aqui, que têm um compromisso político que eu acho que isso é fundamental. E assim,

a UFMG tem tido esse cuidado de sempre trazer para debater, como esse encontro agora. Então nem todo mundo tem esse mesmo olhar no sentido da relação dialógica, da reflexão, no sentido da mudança mesmo. Eu acho que nem todos estão nesse patamar de comprometimento político não. Infelizmente, mas faz parte, não é!

J.K. – Quais aspectos que tu destacarias em relação ao trabalho do PELC?

J.C. – Que aspectos? O trabalho do PELC... Eu acho que o destaque, para mim, fundamental, é tudo mas tem um elemento que eu acho que é a formação de sujeitos para transformar a realidade. Ou seja, ele é uma política que vem no sentido de uma perspectiva afirmativa de direitos, tem um elemento fundamental nesse sentido da democratização do acesso. Fazer com que as pessoas comecem a perceber que elas têm direito, que aquilo é delas, ninguém está dando. Além disso, eu acho que você poder contribuir para a formação dos cidadãos que estão ali, no sentido de poder exercer a sua cidadania, poder ter elementos de poder fazer a leitura da sua realidade, do seu contexto, da sua situação e onde você está inserido. Eu acho que isso é um aspecto para mim fundamental. Sem desconsiderar os outros, que é a formação, essa questão de poder criar essa cultura do esporte, do lazer no município mudando esse estilo, mudando o estilo de vida das pessoas. Uma nova adoção, uma nova atitude diante da realidade que eles vivem. Então isso a gente tem dialogado nas nossas formações e isso também tem tido feedback deles nessa perspectiva. E que eu acho que é um elemento fundamental, independente de PELC contribuir para formação do cidadão. Eu acho que é um aspecto que acho que a gente nunca deve abrir mão, principalmente se a gente acredita na mudança.

J.K. – Sim. Na tua opinião, o que seria possível fazer para qualificar mais o programa? O que tu acha que poderia ser feito?

J.C. – Eu acho que para qualificar o programa... Uma das questões que eu acho que, hoje, um dos principais objetivos do PELC é democratizar o acesso. E quando tu pressupõe democratizar o acesso, pressupõe fazer com que esse programa seja ampliado. Se chega a mais municípios que as pessoas realmente possam ser atendidas, ou seja, eu digo muito isso nas minhas formações “Se vocês têm uma meta estabelecida e atender a quatrocentas

peessoas, à medida que eu fico satisfeito atendendo as pessoas, é bom a gente começar a pensar quantas pessoas estão deixando de acessar o esporte, o lazer enquanto direito. Porque está tendo investimento público ali. E esse investimento público tem essa intenção de fazer com que o PELC possa se ampliar, ele possa criar, começar a mudar essa realidade a partir do acesso, da elevação do nível de conhecimento.” Então, por isso que eu acho que nos aspectos que a gente precisa tratar mais hoje é essa questão de ampliar, mas ampliar com pé no chão, ou seja, tem sempre essa tendência de ampliar, mas também qualificando cada vez mais as pessoas que vão estar atuando. Qualificar as pessoas que estão lá enquanto agente, mas mais na frente pode estar sendo gestores, atuando no seu município. Eu acho que quanto mais a gente buscar qualificar esse processo de formação, de todos os sentidos, formação do formador e formação de quem está lá na ponta, eu acho que isso aí acho que é um dos elementos que o PELC não deve abrir mão porque acho que é isso o diferencial. No meu olhar isso é o diferencial nessa política de esporte e lazer. Porque imagina o PELC sem esse processo de formação, se fosse solto, se deixasse o município conduzir esse processo formativo. Deixar ele conduzir, por exemplo, só através da formação em serviço, pode ter certeza que o resultado seria um desastre. Então isso não sou eu que digo, não. São os agentes que dizem isso também. O diferencial desse programa é a formação. Eles dizem que nunca viram um programa que vai lá, acompanha, que faz esse processo de instrumentalizar, de dialogar com a comunidade, de construir saída em conjunto. Isso eles sempre reforçam, o trabalho que a gente tem feito. Eu acho que a gente não poderia abrir mão jamais disso aí. Eu acho que isso é a coluna de sustentação do programa.

J.K. – Obrigada José Nildo. Em nome do projeto memórias do PELC a gente agradece tua disponibilidade em conceder esta entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]